

# Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde



**Narrativas midiáticas da covid-19: diálogos interdisciplinares em pesquisa**

*Gênero, vulnerabilidades e favela: chaves analíticas para a problematização de narrativas jornalísticas em tempos de covid*

Wilson Couto Borges e Yarielis Malfrán

Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde (Laces)

Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS)

Rio de Janeiro, 25 de julho de 2024

## Objetivos

- 1. Explicar alguns dos pressupostos que organizam a compreensão de Judith Butler sobre vulnerabilidade**
- 2. Discutir o valor analítico desta abordagem para a pesquisa realizada no Morro da Kibon**
- 3. Mostrar algumas análises realizadas a partir desta abordagem**

## Roteiro

- 1. Perspectiva butleriana sobre vulnerabilidade***
- 2. Delineamento conceitual de vulnerabilidade de gênero na pesquisa desenvolvida no Morro da Kibon (agosto/2023-julho/2024)***
- 3. Resultados da análise de matérias veiculadas pelo jornal Diário do Grande ABC durante a pandemia de covid-19***

Gênero, vulnerabilidade e favela: chaves analíticas para a problematização de narrativas jornalísticas em tempos de covid

Retomando o problema de pesquisa:

se a vulnerabilidade de gênero assume contornos específicos nas pandemias (as assimetrias de gênero são potencializadas), o nosso interesse se concentrou em analisar uma das expressões desse fenômeno, mapeando sua emergência nas narrativas jornalísticas com recorte na população da favela, especificamente no jornal

Diário do Grande ABC

## **O gênero da pandemia**

vulnerabilidade de gênero refere-se à potencialização das assimetrias de gênero que resultaram no **acúmulo de trabalho de cuidado para as mulheres no âmbito doméstico** (cuidado de filhos, de pessoas idosas e de si mesmas) e em **trabalhos informais**, além de contemplar a maior exposição à **violência de gênero no âmbito privado por conta da exigência do isolamento - outro efeito do “fique em casa”**.

MORAES, Lorena Lima de; LIMA, Andressa Lidicy Moraes. **O anoitecer feminista da pandemia no Brasil: entrevista com Flávia Birolí. Inter-Legere, Rio Grande do Norte, v. 3, n. 28, p. 1-11, set. 2020.**

## **Pesquisas que se situam na intersecção entre jornalismo, gênero e pandemia de covid-19**

- 1) CORDEIRO, Ana Luiza; LUZ, Nanci Stancki da. O pessoal é político: **uma análise da produção jornalística sobre o trabalho da mulher** no contexto da pandemia sob a ótica da argumentação. *Revista Saridh: (Linguagem e Discurso)*, Rio Grande do Norte, v. 4, n. 2, p. 71-90, 2022.
- 2) Elizângela Costa de Carvalho Noronha. *A pandemia no universo delas: como as plataformas digitais dirigidas às mulheres informam suas leitoras sobre o coronavírus (Capítulo do livro “Comunicação: Mídias, temporalidade e processos sociais”, 2021)*

**“estes media promovem a aniquilação simbólica das mulheres num contexto em que a informação é importante instrumento de saúde pública” (Noronha, 2021, p1)**

## **O gênero da pandemia**

### **Pesquisas que se situam na intersecção entre gênero, favelas e pandemia de covid-19**

*“para as mulheres moradoras de favelas, há a radicalidade da precarização cotidiana sendo agravada no cortejo devastador da pandemia” (ARAÚJO, 2020)*

*“no contexto das favelas e periferias que vivem com [...] tantas vulnerabilidades, que condições existem para que essa população possa enfrentar mais essa crise (nesse contexto, agravada pela pandêmica)?” (Silva, Gonçalves, Dameda e Pedro, 2021, p.439)*

*Embora muitas das pesquisas realizadas acerca da desigualdade de gênero na pandemia e, particularmente, as que tomaram como foco a vulnerabilidade de gênero, subsidiaram o estudo realizado no Morro da Kibon, é importante frisar que **nossa abordagem foi inspirada pelas proposições de Judith Butler (2021; 2023) sobre vulnerabilidade.***

*Tais proposições serviram de fundamento para delinear, do ponto de vista conceitual, nossa proposta de vulnerabilidade de gênero como chave a partir da qual analisamos as narrativas pandêmicas do Diário do Grande ABC que tomaram como lócus de enunciação à favela e suas moradoras/es*

- É importante localizar o pensamento da filósofa feminista Judith Butler sobre vulnerabilidade como tributário de um contexto político singular: principalmente após o 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos. O ataque às Torres Gêmeas, colocou em destaque a **vulnerabilidade** das fronteiras estadunidenses.
- No ensaio “Explicação e isenção, ou o que podemos ouvir” ela reflete:
- “O grito de que não há desculpas para o 11 de setembro, tornou-se um meio de sufocar qualquer discussão séria acerca de como a **política externa dos Estados Unidos** ajudou a criar um mundo no qual tais atos de violência são possíveis” (Butler, 2023, p.23)

**Localizando o pensamento da filósofa feminista Judith Butler sobre vulnerabilidade (Cont):**

**“O ponto que gostaria de sublinhar é que um enquadramento usado para entender a violência funciona para impedir certos tipos de perguntas, certos tipos de investigações históricas [...] Há também uma dimensão narrativa para esse quadro explicativo.**

**Nos Estados Unidos começamos a história invocando um ponto de vista narrativo em primeira pessoa e contando o que aconteceu no 11 de setembro”**

**“Nossos próprios atos de violência não recebem uma cobertura explícita na imprensa e, portanto, permanecem como ações justificadas em nome da autodefesa” (Butler, 2023, p.24, 26)**

*Resumidamente, uma das conclusões de Butler é se estamos todos expostos às ações do outro (que podem nos destruir):*

- 1) **Vulnerabilidade é uma condição constitutiva dos seres humanos (interdependência).***
- 2) **Quais vidas importam, quais mortes podem ser choradas publicamente? Essa pergunta é uma indicação de que a vulnerabilidade pode ser agravada a partir da intervenção de determinadas forças políticas.***

## **Outros desdobramentos sobre vulnerabilidade:**

→ No ensaio *“Pós-escrito: repensando a vulnerabilidade, a violência e a resistência”*, Judith Butler (2021) aponta:

*“Embora eu não me oponha à proliferação de documentos de vulnerabilidade [...] pergunto-me se essa conformação específica de discurso chega ao cerne do problema. Atualmente é conhecida a crítica de que o discurso sobre grupos vulneráveis reproduz o poder paternalista” (p.143)*

## **Outros desdobramentos sobre vulnerabilidade (Cont):**

- No ensaio “Repensando a vulnerabilidade, a violência e a resistência”, Butler (2021) aponta:
 

“A tarefa, a meu ver, não é unir-se como criaturas vulneráveis ou criar uma classe de pessoas que se identificam, sobretudo, como vulneráveis. Quando retratamos as pessoas e as comunidades que são sistematicamente submetidas à violência, fazemos justiça a elas, respeitamos a dignidade de sua luta, reduzindo-as à condição de vulneráveis?” (p.144).
- Um dos efeitos desse tipo de enquadramento é o paternalismo, sensacionalismo, salvacionismo como resposta política

## **Outros desdobramentos sobre vulnerabilidade (Cont)**

- *Se uma dimensão da vulnerabilidade constitutiva é justamente a relacionalidade, a interdependência; -ou seja, ontologicamente nenhum corpo existe no vácuo; ele existe na medida em que disponha de infraestruturas, suportes que tornem a vida possível- não faz muito sentido pensarmos em “populações vulneráveis” como uma condição indelével ou um destino.*
- *A vulnerabilidade é sobre: **qué condições são oferecidas para que todas as vidas possam persistir, se desenvolver?***

- ***compreender a vulnerabilidade, implica observar a (in)diferença que se opera nos níveis de gestão e aplicação de políticas públicas sobre determinadas populações; ou seja, vulnerabilidade enquanto uma condição constitutiva dos seres humanos, que pode ser agravada sob o efeito de um jogo de forças políticas (DEMITRI, 2018).***
- ***Se, para Butler, a vulnerabilidade coloca em destaque um horizonte normativo acerca de quais corpos importam e quais não, para nós, a mídia é uma peça importante no conjunto de forças políticas que instituem determinados horizontes normativos***
- ***como é que esses corpos da favela são narrados na pandemia? Essas narrativas midiáticas – enquanto dimensão da vida política envolvida na exposição diferenciada das populações à vulnerabilidade – reforçam ou não uma modelagem desses corpos favelados como negligenciáveis, matáveis ou disputam essa ontologia social, política e historicamente constituída? Como participa a ordem de gênero nos enquadramentos midiáticos de um jornal que circula na favela?***

### ***A perspectiva teórica assumida na pesquisa realizada no Morro da Kibon:***

Entendemos **vulnerabilidade de gênero na pandemia** como o efeito da ação de **mecanismos estratégicos** (políticos, econômicos, **mediáticos**) que se servem da **matriz simbólica do gênero**, **consolidada hegemonicamente e atualizada na crise sanitária** (especialmente no âmbito doméstico e nas funções de reprodução social que nele acontecem), **para legitimar desigualdades sociais**. Na medida em que tais mecanismos estratégicos tomam como **lócus de enunciação as populações da favela no contexto da pandemia de covid-19**, eles operam como uma dobradiça entre **narrativas que reconhecem a ordem de gênero como um fator potencializador da crise sanitária** e os que negligenciam a existência desta problemática, entendendo que a tentativa da sua negação “é também reconhecer a sua existência de uma outra forma”.

*Na medida em que “processos de comunicação estão imersos em relações de poder, a manutenção do status quo passa inevitavelmente pelo papel exercido pela mídia” (BORGES)*

- *O que foi falado sobre os corpos da favela na pandemia, especificamente sobre as mulheres do Morro da Kibon?*
- *Como foi falado e por quais repórteres foi falado?*
- *As pessoas envolvidas foram ouvidas ou só faladas?*
- *De que forma as notícias veiculadas direcionaram percepções sobre a pandemia, sobre a própria favela e as mulheres que nela habitam?*
- *Quais elementos da ordem de gênero foram mobilizados ao se falar das mulheres do Morro da Kibon na pandemia?*
- *Ao serviço de que essa ordem de gênero é mobilizada?*

## ***A favela do Morro da Kibon:***

*A favela do Morro da Kibon, pertencente ao Condomínio Maracanã, Sítio Cassaquera, Santo André, São Paulo.*

***No começo da pandemia de Covid-19, Santo André tinha 52 mil famílias cadastradas no CadÚnico de Programas Sociais do governo federal.***

***Em julho de 2022 chegou a quase 70 mil famílias, aumentando em 33%, das quais 38 mil estão em situação de extrema pobreza. Destas, 1.590 são do Condomínio Maracanã, território da cidade que abarca o Sítio Cassaquera, onde está localizado o Morro da Kibon (CECAD/CadÚnico,2022).***

***<https://covidnafavela.com.br/resumo.html>***



## Cerca de 60 famílias invadem terreno de propriedade particular em Santo André

Moradores iniciaram construção de barracos na Vila Guaraciaba na segunda-feira à tarde

Daniel Macário  
Do Diário do Grande ABC

04/04/2018 | 07:00

O *Diário do Grande ABC* é o maior jornal regional do país segundo consta nas suas redes sociais. Criado em 1958, o veículo inicialmente se chamava *News Seller* e os seus fundadores foram Fausto Polesi, Edson Dotto, Maury Dotto e Angelo Puga. Em 1958, o jornal era vendido aos domingos, em Santo André. **Atualmente, circula nas 7 cidades do ABC paulista: São Caetano, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra, Santo André e São Bernardo**, e também em alguns bairros da cidade de São Paulo. O *Diário do Grande ABC* tem a seguinte estrutura: 1º Caderno, Política, Economia, Esportes, Setecidades, Cultura & Lazer, Classificados, Turismo (às quintas-feiras), D+ (aos domingos), Diarinho (aos domingos), Automóveis (às sextas-feiras), Revista Dia-a-Dia (uma vez por mês).

### ***Percurso metodológico:***

- *Tivemos em conta o período da pandemia de covid-19, de março de 2020 a abril de 2022.*
- *Para a coleta das notícias, acessamos à seção de histórico de notícias do Diário do Grande ABC, onde é possível encontrar cada notícia publicada no jornal no dia, mês, ano e horário da publicação.*
- *O promédio de notícias publicadas diariamente é de entorno de 150, com intervalos que podem ser de 3 a 5 min entre uma notícia e outra.*
- *Fizemos uma busca direcionada dentro do próprio jornal usando as palavras chave: pandemia, Morro da Kibon, mulheres do Morro da Kibon, sobrecarga de trabalho doméstico na pandemia, violência de gênero na pandemia. Os termos foram escolhidos a partir da discussão teórica apresentada anteriormente.*

## **Corpus analítico: matérias do Diário do Grande ABC sobre o Morro da Kibon na pandemia**

ASSAGRA, Y. FMABC estende prazo de **doações** ao Morro da Kibon. 30 abr, 2020.

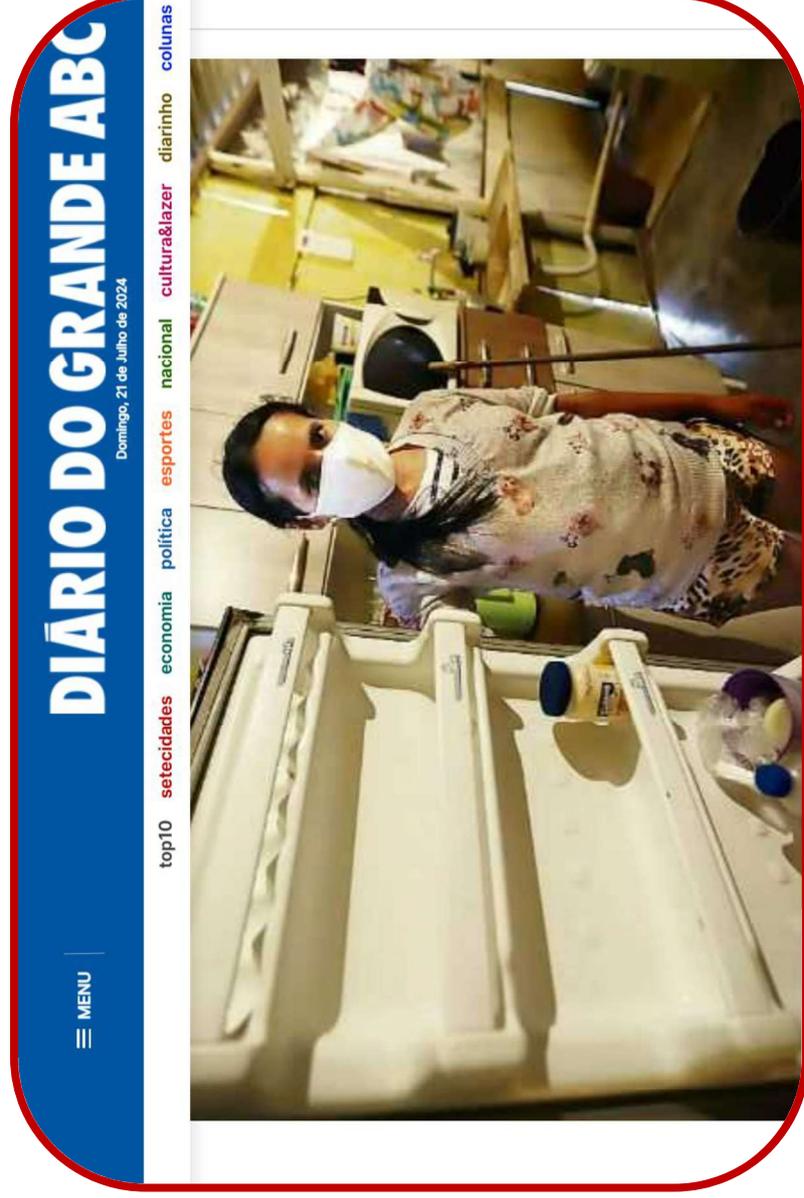
Moço, B. (2020). Covid deixa **rastro de fome** nas comunidades. 12.jul, 2020

BITTENCOURT, D. **Chuva** de meia hora em Santo André foi equivalente a 15 dias de dezembro. 28 dez, 2021.

LACERDA, F. **Chuvas fortes no Grande ABC** causam desmoronamento e alagamento de vias; veja fotos e vídeos. 28 dez, 2021.

LANA, T. **30 minutos de chuva = caos**. 29 dez, 2021. MOÇO, Bia. Covid deixa **rastro de fome nas comunidades**. 12 jul, 2020.

**MOÇO, Bia. Covid deixa rastro de fome nas comunidades. 12 jul, 2020.**



*“A crise sanitária que assolou o Brasil não demorou muito para impactar a população mais carente e, com a Covid-19 invadindo comunidades e bairros periféricos” (MOÇO, 12.07.2020)*

*“nem as boas ações deram conta de suprir as carências, sobretudo as emocionais, como contou a moradora da comunidade do Jardim Santo André, em Santo André, Maria Roseane de Lima, 33 anos, que é uma entre as milhares de pessoas que vivem o desespero da “geladeira vazia”. (MOÇO, 12.07.2020)*

*Mãe de três filhos, Maria relata que, no início da pandemia, chegou a sentir medo da doença, mas que agora, passados quatro meses, e sem perspectiva de melhora do cenário, está “desanimada”. (MOÇO, 12.07.2020)*

### **Síntese das análises desenvolvidas:**

- ***A fome é significada como um sinal do risco que acomete a população da favela, omitindo-se sua condição de problema estrutural.***
- ***A escolha de descritores para se referir às pessoas moradoras destes territórios, a população mais carente***
- ***Problemas estruturais são retratados como uma força exterior que chega de paraquedas a estes territórios: “problemas que vão além da doença começaram a se fazer presentes, como o desemprego e, conseqüentemente, a fome” (Moço, 2020).***
- ***O que de fato é uma condição estrutural e sistemática aparece nesta gramática como uma condição mitigável principalmente pela via do assistencialismo social. Neste sentido, a matéria aponta: “nem as boas ações deram conta de suprir as carências, sobretudo as emocionais, como contou a moradora da comunidade do Jardim Santo André, em Santo André, Maria Roseane de Lima, 33 anos” (Moço, 2020).***
- ***Não por coincidência, a porta voz através da qual se esquadrinha o problema da fome é uma mulher, contudo parece-nos que prima uma fetichização do sofrimento quando se coloca em destaque frases como “desespero da geladeira vazia”, qualquer referência às dinâmicas capitalistas responsáveis pela produção desta desigualdade social.***

### ***Síntese das análises desenvolvidas (Cont):***

*Ao se apelar para um enquadramento que omite como o Estado cria condições para esta necropolítica, e representar as mulheres da favela subsumidas ao sofrimento e impotência (ou seja, qualquer agência aqui também é negligenciada), a abordagem jornalística não trata a marginalidade como uma condição induzida politicamente, mas como se fosse um destino indelével e inevitável da periferia.*

# Obrigad@!

Wilson Couto Borges – [wilson.borges@fiocruz.br](mailto:wilson.borges@fiocruz.br)

Yarlenis Malfrán –  
[yarlenispsicodecuba@gmail.com](mailto:yarlenispsicodecuba@gmail.com)



# Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde

 @fiocruz.iciict

 @Iciict\_Fiocruz

 @iciict\_fiocruz

 /videosausedistribuidoradafiocruz

# www.iciict.fiocruz.br